

Andreia
SiqueniqueAndreia
SilvaCláudia
AlmeidaFilipe
LucianoRafael
Silvério

PALESTINA

PARA QUANDO A PAZ NO MÉDIO ORIENTE?

O MPPM - Movimento pelos Direitos do Povo Palestino e pela Paz no Médio Oriente - fundado em Junho de 2005, lançou o desafio da criação de uma reportagem escolar sobre a situação desta região do mundo. O principal problema começou por ser o da informação disponível. Estamos habituados a ver notícias na televisão e nos jornais que ajudam a ter a ideia de que o conflito na Palestina é um “problema sem solução”, “uma guerra de religiões” e “uma guerra de terroristas”. Todas estas ideias estão erradas tal como é errado e habitual confundir tudo o que é conflito em que haja povos árabes, misturando as causas, os povos ou os países. Nesse sentido esta reportagem pode ajudar a clarificar ideias e a arrumar algumas ideias erradas que andam por aí.

Começámos a nossa pesquisa com um questionário “básico” que fizemos a colegas, familiares e vizinhos. Tentámos saber se alguém sabia qual a capital da Palestina, em que continente ficava, quem é o seu Primeiro-Ministro ou qual a religião maioritária da região. As respostas foram as esperadas, “capital da Palestina? Não faço ideia!”, “Continente? Ásia ou África talvez!”, “O Primeiro-Ministro? Desculpem, não sei mesmo!” Sabemos que não é matéria que todos tenhamos de saber mas rara foi a resposta que se aproximou da verdade. Pouco ou nada se sabe!

Em Portugal, pouco se sabe, criam-se ideias a partir da TV, e a verdade



Mãe palestina protege os filhos durante uma vistoria israelita ao bairro onde habitam. Esta cena faz parte do dia-a-dia de qualquer família palestina.

que desconhecemos é que jovens palestinos, jovens como nós, são revistados diariamente antes de irem para a escola precisando de autorizações para circular no próprio território, estão sujeitos a vistorias nos seus lares, os hospitais e os serviços estão fora do alcance das populações e os recursos da região que escasseiam, em especial a água, não servem para desenvolver a economia palestina.

Afinal, o que se passa na Palestina? O que motivou tanto sangue derramado? Onde começa e onde acaba o conflito? O que não passa na TV?

Em primeiro lugar, é preciso dizer que o território palestino se situa no Médio Oriente, entre a costa oriental do Mediterrâneo e as margens do rio Jordão, na região onde se fundaram-se três das principais religiões do mundo: o Judaísmo, o Islamismo e o Cristianismo. Por ser um centro religioso é natural que se misturem questões religiosas no conflito de que ouvimos falar hoje em dia, porém, na Palestina coabitam diversas religiões apesar da maioria ser de facto muçul-

-mana. Jerusalém, a capital proclamada por palestinos e israelitas, é símbolo religioso e cidade santa para Judeus, Cristãos e Muçulmanos. É impossível não associar a questão religiosa ao conflito a que assistimos na TV mas será essa a principal questão? Não é de facto um problema religioso que está na base do conflito da região. Actualmente, o problema que se coloca é principalmente de ordem política e diz respeito à possibilidade e ao direito de criação de uma nação palestina, autónoma e livre de qualquer ocupação estrangeira.

Ao longo dos séculos, vários foram os povos que passaram pela região da Palestina desde os gregos aos romanos, passando pelos persas ou até mesmo pelos ingleses. O povo palestino acabou por ser sempre controlado por potências militares mais fortes e no século XX viu acontecer a última ocupação que continua nos dias de hoje: a invasão israelita que quebrou e violou acordos internacionais e que desrespeitou a Declaração Universal dos Direitos do Homem.



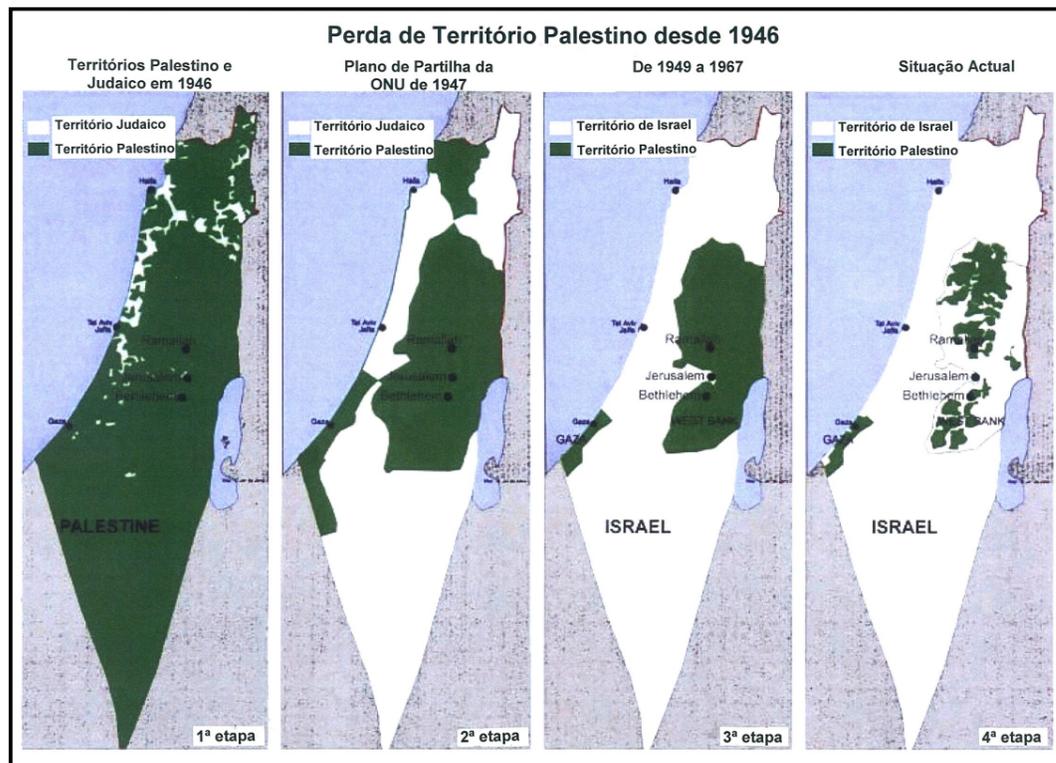
Vista panorâmica de Jerusalém, um dos maiores símbolos do Médio Oriente

O Plano de Partilha da ONU de 1947 atribuiu ao povo palestino o controlo de toda a faixa de Gaza e da Cisjordânia, estando incluído nesta partilha a cidade santa de Jerusalém. No entanto, esse controlo nunca foi possível devido à imediata intervenção militar israelita no território que atingiu maiores dimensões após 1967. Actualmente, para além da ocupação da maioria do território, Israel desenvolveu uma política de criação de “colonatos”, pequenos bairros judeus, dentro do território palestino, motivando um jogo de ataque e resposta entre um Israel fortemente militarizado e uma Palestina de guerrilha.

“Actualmente, a maioria dos serviços básicos, como os de educação e de saúde, estão sob controlo dos israelitas impossibilitando o seu acesso à esmagadora maioria da população palestina. A burocracia é excessiva, são precisos vistos e autorizações para ir à escola e circular livremente de um bairro para o outro pode tornar-se uma tarefa complicada” confessou-nos Carlos Godinho, membro do MPPM durante uma visita à nossa escola por nós dinamizada. “A região não possui petróleo ou gás natural mas é nas regiões que teriam de pertencer à Palestina que está um dos recursos mais importantes de qualquer região do mundo, a água” acrescentou o nosso convidado.

Independentemente dos argumentos apresentados por ambas as partes do conflito, não se pode esconder que as intervenções militares na região originam mais ódio e causam mais sofrimento a milhares de pessoas inocentes. Vários foram já os acordos assinados e várias foram já as violações desses acordos. Diz a Declaração Universal dos Direitos do Homem, proclamada em 1948, após o plano de partilha da ONU, que ninguém pode ser arbitrariamente preso ou detido, que toda a pessoa tem o direito de circular livremente no seu Estado... e que todo o indivíduo tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal.

Em 1993, o líder palestino Yasser Arafat e o líder israelita Yitzhak Rabin assinaram um acordo de paz importante em Oslo, capital da Noruega, mas as violações e a construção de colonatos israelitas não parou levando a novos conflitos que continuam até hoje.



Em cima, sequência de mapas com a expansão israelita em território palestino, ao centro uma mulher chora desesperada após explosão de sua casa e uma criança avista a chegada de uma tanque de guerra israelita. Em baixo, à esquerda, Yitzhak Rabin e Yasser Arafat apertam as mãos sob olhar satisfeito do então presidente dos EUA, Bill Clinton. Em baixo, à direita, crianças por detrás de uma arma com olhar triste e desiludido.

Dia da Nakba

No dia 15 de Maio de 1948 cerca de 800 mil palestinos foram expulsos das suas terras e casas. *Nakba* significa “catástrofe” e ainda hoje o dia é lembrado entre a comunidade palestina como forma de protesto contra a ocupação.

Independência de Israel

Um dia antes, a 14 de Maio de 1948, Israel declara a sua independência, após a saída inglesa do território. Começava aqui a intenção de afirmação de Israel no Médio Oriente e como consequência a perda de liberdade dos palestinos.



CONCURSO ESCOLAR 09/10
MOVIMENTO PELOS DIREITOS DO POVO PALESTINO E PELA PAZ NO MÉDIO ORIENTE

NÓS PARTICIPAMOS!